

## RESENHA

ANDERSON, Perry. **Brasil à parte**: 1964-2019. Trad.: Alexandre Barbosa de Souza [et al.]. São Paulo: Boitempo, 2020, 192 p.

RICARDO LEBBOS FAVORETO<sup>1</sup>

VAGNER DE MEIRA NASCIMENTO<sup>2</sup>

“Brasil à parte” remonta ao panorama político brasileiro das últimas décadas. O livro situa-se no contexto da trajetória analítica de um amplo projeto levado a cabo por Anderson Perry acerca de potências econômicas e políticas mundiais, entre as quais Estados Unidos, Rússia, China e Brasil. Finalizada em 2019 a seção concernente ao Brasil, a Editora Boitempo, no ano seguinte, publicou-a como livro independente.

Anderson é um historiador britânico, professor da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), inserido na tradição marxista. Na terceira década de vida, morou no Rio Janeiro, o que faz de “Brasil à parte” um livro sobre

---

<sup>1</sup> Graduado em Administração pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Graduado em Direito pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Pós-graduado em Direito do Trabalho pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Pós-graduado em Filosofia Moderna e Contemporânea pela UEL. Pós-graduado em Filosofia Política e Jurídica pela UEL. Mestre em Administração pela UEL. Doutor em Administração pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE). Pós-doutorado em Administração pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Mestrando em Direito pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Programa de Pós-Graduação em Administração da UEL. Rodovia Celso Garcia Cid, PR-445, KM 380 – Campus Universitário – Londrina-PR. Tel.: (043) 99933-4712. E-mail: [ricardo.favoreto@hotmail.com](mailto:ricardo.favoreto@hotmail.com); [ricardo.lf@uel.br](mailto:ricardo.lf@uel.br).

<sup>2</sup> Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Londrina. Graduado em Administração pela Faculdade Pitágoras de Londrina. Telefone: (043) 98426-0048, Endereço: Rod. Celso Garcia Cid, PR-445, KM 380 – Campus Universitário – Londrina-PR, E-mail principal e adicional: [vagnermeiranascimento@gmail.com](mailto:vagnermeiranascimento@gmail.com); [vagner.nascimento@uel.br](mailto:vagner.nascimento@uel.br)

um país vivenciado pelo autor. Tal fato não é (ao menos na visão do autor) uma contingência qualquer. Note-se: “Do lado subjetivo, minha relação com o país o distingue dos demais Estados sobre os quais estava escrevendo. O Brasil foi o primeiro e único país estrangeiro no qual morei, e não apenas visitei, antes dos cinquenta anos de idade”<sup>3</sup>. A relevância do Brasil na ordem mundial transparece em trechos como: “quinto maior país do planeta em termos de população e território, o Brasil tem a segunda maior renda per capita dos Brics”<sup>4</sup>.

O período coberto permite que o autor proceda a uma análise, pelo menos preliminar, do princípio do governo de Jair Messias Bolsonaro. Nos quase quatorze anos de petismo, o Brasil fez-se palco de um drama sociopolítico. No fim: a guinada para a extrema direita. A crise que assolou o Partido dos Trabalhadores culminou naquilo que, na contracapa do livro, qualifica-se como “golpe parlamentar”, consubstanciado no impeachment da então presidenta Dilma Rousseff em 2016. Se o leitor considera a história de trás para frente, a tensão entre petismo e bolsonarismo (transcorrida num tão curto espaço de tempo) certamente instiga a conhecer a revisão histórica procedida pelo autor, até a década de 1960.

“Brasil à Parte” é estruturado em seis capítulos, identificados pelo autor como “Lançamento”, “Fernando Henrique”, “Lula”, “Dilma”, “Bolsonaro” e “Parábola” – além do “Prefácio” e das seções finais, “Índice onomástico” e “Sobre o autor”.

O livro começa já em alta rotação. Em “Lançamento”, o autor analisa elementos assaz importantes da história recente brasileira, como a trajetória da ditadura militar e o intrigante impeachment do presidente Fernando Collor de Mello em 1992, que, nas palavras do autor, “se tornou um pária no cenário político” quando o Congresso instituiu uma investigação formal<sup>5</sup>. O capítulo destinado a Fernando Henrique retrata o “neoliberalismo light” do período, “mesmo tipo de neoliberalismo que predominou na década de 1990 em todo o

---

<sup>3</sup> ANDERSON, Perry. *Brasil à parte: 1964-2019*. Trad.: Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 10.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 11.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 24.

mundo capitalista desenvolvido”<sup>6</sup>. Para o autor, um governante que, no poder, “preferiu manter a promiscuidade amorfa vigente, que aumentava a margem de atuação de sua habilidade para negociações e manobras no Congresso”<sup>7</sup>.

Lula é tido por Anderson como “o político mais bem-sucedido de seu tempo”<sup>8</sup>. Em pauta, um presidente que deixou o mandato com aprovação de 80%. No capítulo “Lula”, o autor atenta para uma interessante dicotomia: “Encarado como período da economia política no Brasil, ele pode ser considerado contíguo ao de Fernando Henrique Cardoso, um desenvolvimento dentro da mesma matriz. Encarado como um processo social, por outro lado, significou uma ruptura notável”<sup>9</sup>. No cenário externo – destaca o autor –, circunstâncias “extraordinariamente propícias” – inclusive uma época em que é América do Sul como um todo guinou para a esquerda. Em um trecho intrigante do capítulo, o autor pondera sobre uma possível perturbadora analogia entre a abolição da escravatura no Brasil, que, diferentemente da abolição nos Estados Unidos, ocorreu praticamente sem derramamento de sangue, e os feitos sociais do governo Lula. O insight: “quando a abolição sobreveio, os donos de escravos não foram arruinados, e os escravos ganharam apenas a liberdade legal”<sup>10</sup>, enquanto “Lula gostava de dizer o que se tornou uma espécie de lema: “É barato e fácil cuidar dos pobres”<sup>11</sup>. Para o autor, um lema que carrega “ambiguidade moral” – “palavras edificantes ou perturbadoras?”<sup>12</sup>.

O capítulo “Dilma” narra o êxito petista na eleição presidencial de 2010 e também o caminho pelo qual se tornou o PT “o partido mais impopular do país”<sup>13</sup>. Ao fracasso petista sobreveio a conversão para a direita. Em “Bolsonaro”, o autor procede a interpretações preliminares, referentes ao início do governo. O estabelecimento do paralelo com Trump, “o mais próximo análogo político de Bolsonaro”<sup>14</sup>, traz algumas das interpretações que comumente se veem na

---

<sup>6</sup> Ibid., p. 40.

<sup>7</sup> Ibid., p. 48.

<sup>8</sup> Ibid., p. 55.

<sup>9</sup> Ibid., pp. 85 e 86.

<sup>10</sup> Ibid., p. 88.

<sup>11</sup> Ibid., p. 89.

<sup>12</sup> Ibid., p. 89.

<sup>13</sup> Ibid., p. 92.

<sup>14</sup> Ibid., p. 160.

imprensa, mas não deixa, igualmente, de apresentar reflexões interessantes do autor. No sexto capítulo, “Parábola”, estende-se o cotejo dos dois políticos. Enfatiza-se, no ensejo, fenômeno que, posteriormente, resultaria característico do atual do governo: o embate cultural. Coloca o autor em referência ao presidente: “Sua maior preocupação é levar a cabo uma versão particular das guerras culturais, em detrimento de qualquer outro foco político ou de atenção”<sup>15</sup>.

Para compreender o olhar de Anderson, além de saber seguir o autor a tradição marxista, sugere-se tomar contato com outras obras suas. A própria Boitempo disponibiliza em seu catálogo outras obras do autor, entre as quais duas bastante recentes: “Duas revoluções: Rússia e China” (2018) e “Considerações sobre o marxismo ocidental – nas trilhas do materialismo histórico” (2019). No próprio “Brasil à parte”, pode-se conhecer um pouco do autor na seção final, “Sobre o autor”.

No célebre “Sobre o Estado” (livro que coleciona um conjunto de aulas ministradas), Pierre Bourdieu apresenta, no capítulo correspondente ao curso de 18 de janeiro de 1990, duas obras de Anderson, “Passagens da Antiguidade ao Feudalismo” (1974) e “Linhagens do Estado Absolutista” (1975). A visão de Bourdieu sintetiza-se no seguinte trecho: “[...] Perry Anderson está na tradição da história totalizante que visa captar um movimento histórico em seu conjunto, não se contenta em fazer a história do Estado, do exército, da religião etc. Ele quer captar a totalidade, com a intenção, explicitamente afirmada por Marc Bloch, de compreender o presente”<sup>16</sup>. Destaque-se a forma como, em “Linhagens do Estado Absolutista”, a história universal transparece na análise do desenvolvimento do Estado.

“Brasil à parte” escancara as rupturas políticas bruscas ocorridas no país no último pouco mais de meio século. Descaminhos e frustrações emanam da leitura do autor. Se a obra, por característica do autor, alimenta o espírito de simpatizantes do pensamento marxista, não deixa de interessar àqueles que,

---

<sup>15</sup> Ibid., p. 168.

<sup>16</sup> BOURDIEU, Pierre. *Sobre o Estado: cursos no Collège de France (1982-92)*. Trad.: Rosa Freire d’Aguar. São Paulo: Companhia das Letras, 2014 [2012], p. 121.

mesmo não simpatizantes, pretendem expandir a compreensão do Brasil contemporâneo, munindo-se, como meio para tal, de vieses diversos. “Brasil à parte”, ainda que na visão de um estrangeiro, oferece uma visão afiada da realidade brasileira. Debruçando-se sobre eventos familiares ao cidadão brasileiro, a obra é uma porta de entrada para leitores brasileiros que desejam adentrar o não raro intrincado universo analítico do historiador Perry Anderson.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. **Brasil à parte**: 1964-2019. Trad.: Alexandre Barbosa de Souza [et al.]. São Paulo: Boitempo, 2020.

\_\_\_\_\_. **Linhagens do Estado Absolutista**. Trad.: Renato Prelorenzou. São Paulo: Editora Unesp, 2016 [1975].

BOURDIEU, Pierre. **Sobre o Estado**: cursos no Collège de France (1982-92). Trad.: Rosa Freire d’Aguilar. São Paulo: Companhia das Letras, 2014 [2012].